



**CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO**

**INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

**ALINE DE SOUSA BORGES VIEIRA**

**VICTÓRYA MARIA VIEIRA FERNANDES**

**FLÁVIO IMPÉRIO: ARQUITETO, CENÓGRAFO, ARTISTA PLÁSTICO.**

**E PROFESSOR.**

**SÃO PAULO – 2013**

**ALINE DE SOUSA BORGES VIEIRA**

**VICTÓRYA MARIA VIEIRA FERNANDES**

**FLÁVIO IMPÉRIO: ARQUITETO, CENÓGRAFO, ARTISTA PLÁSTICO  
E PROFESSOR.**

Artigo Científico apresentado à Coordenação de Iniciação Científica como requisito à obtenção do certificado de conclusão da pesquisa desenvolvida no curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Orientadora: Prof. Me Elisabeth Cristina do Amaral Ecker

SÃO PAULO – 2013

## **Resumo**

O artigo trata sobre a vida acadêmica e profissional de Flávio Império arquiteto formado pela Universidade de São Paulo em 1961, contratado no ano seguinte pela mesma para lecionar permanecendo até 1976, quando se demitiu por insatisfação pelo excesso de burocratização. Com os amigos de faculdade, Rodrigo Lefrève e Sérgio Ferro formaram o Grupo Arquitetura Nova, fazendo parte da primeira geração de arquitetos modernos paulistas, dos três, Império era o que mais se interessava por artes cênicas, desenho, pintura e cenografia, e foi nessa área onde foi mais reconhecido e ganhou diversas premiações durante a sua vida. Sua experiência artística está refletida nos projetos de arquitetura realizados pelo grupo durante as décadas de 60 e 70. Na década de 80 volta a ministrar aulas, mas dessa vez no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, onde permaneceu até 1985 e é possível vermos reflexos da metodologia que alguns dos atuais professores adotaram.

## **Palavra – chave**

Flávio Império. Arquitetura. Cenografia. Belas Artes. Arquitetura Nova.

## **Abstract**

The article discusses the academic and professional life of Flávio Império architect who graduated from the University of São Paulo in 1961, hired the following year for the same remaining to teach until 1976, when he resigned because of dissatisfaction by excessive bureaucracy. With friends from college, and Sérgio Ferro e Rodrigo Lefevre formed Group New Architecture, part of the first generation of modern architects São Paulo, of the three, the Empire was what most interested in performing arts, drawing, painting and stage design, and this was area where it was most recognized and won several awards during his lifetime. His artistic experience is reflected in the architectural projects undertaken by the Group during the 60's and 70's. In the 80's back to teach classes, but this time in the Centro Universitario Belas Artes de São Paulo, where he remained until 1985 and it is possible to see reflections of the methodology adopted some of the current teachers.

## **Keywords**

Flávio Império. Architecture. Scenography. Belas Artes. New Architecture.

O teatro me ensinou a vida, a arquitetura o espaço, o ensino, a sinceridade, a pintura e a solidão. BENEDITTI (1997) apud CAMPOS (2004, pág, 444)

## Introdução

Este artigo é resultado de um projeto de pesquisa de Iniciação Científica sobre Flávio Império e sua atuação como arquiteto, cenógrafo, artista plástico e professor. Nele será destacada, principalmente a sua atuação na arquitetura.

Império foi um dos maiores cenógrafos brasileiros, produziu diversos trabalhos entre às décadas de 50 e 80 sendo que na arquitetura tinha um talento singular derivado da versatilidade de sua formação recebida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU USP.

Em primeira instância, este artigo disserta-se sobre a biografia de Flávio e sua influência na cenografia, área em que mais foi reconhecido. Num segundo momento está descrito aqui a sua participação na História da Arquitetura Moderna Paulistana, na qual foi influenciado por João Batista Vilanova Artigas. Logo após está descrito seu método de lecionar, que era muito voltado à linguagem das artes e utilizava o artifício de desenhos, pinturas e interação entre aluno e professor e, finalmente a influência que deixou para o Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Para a construção desse artigo utilizamos diversos livros, entre eles os que mais adquirimos informações foram: *“Flávio Império”* escrito por Renina Katz e Amélia Hamburger, 1999 e também *“Grupo Arquitetura Nova: Flávio Império, Rodrigo Lefreve, e Sergio Ferro”* de Ana Paula Koury publicado em 2003, dentre os artigos encontrados os que mais utilizados foram: o artigo de Gisela Belluzzo Campos *“Flávio Império: cenógrafo, arquiteto e artista”* divulgado em 2010 e o de Marcelina Gorni *“Flávio Império: Arquiteto e Professor”* publicado em 2004. Estes materiais foram adquiridos na biblioteca da FAU-USP e da Belas Artes. Ocorreram também pesquisas via Internet e relatos de ex-alunos que tiveram contato direto com ele.

Dessa forma pode-se analisar o que a cenografia e a arquitetura representavam para ele.

## Biografia

Flávio Império nasceu em 19 de Dezembro de 1935 na cidade de São Paulo em uma família de descendência Italiana. Ele e sua irmã Amélia eram os únicos filhos de Domingos Império e Helena Fausto Império.

Desde muito jovem, logo aos cinco anos de idade, Flávio começara a despertar um espírito artístico, participando de balés apresentados em festas anuais na escola em que estudava. No Colégio Presidente Roosevelt, onde cursava o colegial, Flávio deixou suas reflexões sobre o teatro com os títulos: *“Espetáculo para Moscas no Leopoldo Fróes”* e *“A filha de Lório”*, publicados no “Borrão”, Jornal do Grupo de desenho e “O CERB”, Órgão do Centro de Estudos do Grêmio. Ele também foi assistente de professores na montagem de uma cena da festa de formatura.

Aos 21 anos ingressou na FAU-USP, formando-se em 1961 e durante os anos de faculdade, trabalhou em diversos espetáculos. No Teatro Arena fez os figurinos de *“Gente como a Gente”*, participou da execução dos figurinos e cenários de *“Morte e Vida Severina”*. No Teatro Oficina fez *“Um bonde chamado desejo”* e *“Todo anjo é terrível”*.

Na arquitetura estagiou durante um ano, onde adquiriu experiências e habilidades propícias para logo depois, executar alguns projetos como uma casa em Ubatuba e o Teatro SESC Pompéia.

Foi professor responsável do curso de cenografia da Escola de Arte Dramática de São Paulo, ministrou cursos na Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP, foi professor da FAU - USP e fez parte do corpo docente da Belas Artes de São Paulo.

No decorrer de sua vida profissional, dedicou-se intensamente em duas áreas: a cenografia onde recebeu o maior reconhecimento e a arquitetura, onde além de projetar e construir atuou como professor. Neste sentido, utilizou-se da experiência como cenógrafo para lecionar de forma interativa, influência que também é notada em sua arquitetura resultando assim uma personalidade única para suas obras, como será exemplificado no decorrer desta pesquisa.

## Panorama político e cultural das décadas de 50 à 80

Por volta de 1950, o mundo estava passando por uma fase de guerras, revoluções e mudanças. No campo da política internacional, os conflitos entre os blocos capitalista e socialista (Guerra Fria) ganhavam cada vez mais força e, com o Brasil, não foi diferente.

Nos anos 50 houve um avanço tecnológico e cultural, marcado pelo início das transmissões televisivas. Juscelino Kubitschek presidente de 1956 a 1961 propôs a evolução do Brasil com o lema: “50 anos em 5” que visava estimular a diversificação e o crescimento da economia brasileira e foi nesta mesma época que Brasília foi construída, uma cidade totalmente planejada, tendo Lúcio Costa como fundamental urbanista, Oscar Niemeyer responsável pela maioria dos projetos das edificações públicas e Roberto Burle Marx pelo paisagismo.

Jânio Quadros se elegeu presidente em 1961 e pretendia “varrer toda a corrupção”, porém não ficou muito tempo no poder, foi quando João Goulard assumiu e mostrou uma política mais aberta e amigável aos olhos dos estrangeiros. Entretanto em 1964, os militares questionaram sua posição e as Forças Armadas do Brasil derrubaram seu governo com o denominado Golpe de 64, a partir de então iniciou o período mais repressor da história do Brasil.

Castelo Branco foi o presidente (1964-1967) que regeu um período da ditadura militar, neste período houveram 6 Atos Institucionais, sendo o Ato Institucional - 5 o mais importante, pois foi autorizada a cassação de políticos, e fechamento de, onde interesses ideológicos levaram os conservadores diretamente ao poder. O governo reprimia as manifestações contrárias às atitudes do Estado com severidade. O próximo governo foi marcado pelo combate à inflação, a revisão de política salarial e a ampliação do comércio exterior e comunicações.

Para não serem vetados neste ambiente de nítida repressão, os artistas começaram a produzir suas artes com duplo sentido, para não chamarem a atenção da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), órgão responsável pela censura das produções culturais, que ao identificar a duplicidade de sentidos, proibia das obras independente do veículo utilizado para sua comunicação.

Neste contexto histórico inserimos Flávio Império, que, com sua postura crítica não deixava de produzir sua arte e de expressar o “aqui e agora”. Mesmo participando dos conflitos políticos e sociais sua preocupação era com a causa criativa. Para ele uma revolução começa a partir do momento que você enxerga que necessita de uma mudança, era necessário mudar primeiro o interior para depois mudar o mundo.

## **Cenografia: a grande área de atuação de Flávio Império**

Entre as áreas que atuava, a que mais lhe encantava era a cenografia, portanto a maior parte de seus feitos são relacionados ao teatro. Iniciou sua carreira profissional dentro de um modelo político socialista e de vanguardas artísticas.

O teatro brasileiro no final dos anos 50 já era um dos entretenimentos mais prestigiado pela população paulista. Os temas abordados eram marcados pela preocupação com as questões sociais onde o fazer teatral era usado como ferramenta política capaz de contribuir com as mudanças da realidade brasileira.

O Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) foi o primeiro teatro que investiu em infraestrutura, conforto e que continha espaços exclusivos para a execução de todo o processo criativo, contendo salas para figurinos, adereços, armários entre outros, também era composto por uma equipe fixa de encenação, em grande parte estrangeiros, consolidando a renovação estética do espetáculo brasileiro. A respeito do espaço cênico do TBC, Cristina Ecker afirma:

... sua grande contribuição foi sistematizar a modernização dentro do espetáculo cênico, introduzindo um novo comportamento no fazer teatral, estudando e utilizando cuidadosamente todos os elementos que contribuem com a totalidade do espetáculo. Ampliou a dimensão do debate estético, apresentando peças dentro de um repertório eclético de importantes autores internacionais. ECKER (2005, pág.141)

Em 1958, Flávio passou a integrar o Teatro de Arena, onde expunha suas criações cenográficas em um espaço de perspectiva ilusionista com palco circular. Não existia ponto de vista privilegiado, então criou concepções arquitetônicas simples e uma reorganização do espaço para que o seu espetáculo fosse não ilusionista, fazendo fluir uma criação cênica desde a parte externa até o local proposto para a apresentação. Ele expressou isso na cenografia e figurinos de “Gente como a Gente” (1959).

Já em 1960 concebeu os cenários e figurinos de “Morte e Vida Severina” (1960), para o Teatro Experimental Cacilda Becker, fazendo uso dos tecidos, das técnicas artesanais e referências à cultura brasileira. Para ele, a cenografia sempre terá uma característica artesanal, como recortar, colar, pintar, tramar etc.

Em 1962 começou a trabalhar para o Teatro Oficina, com José Celso Martinez Corrêa, e desenvolveu “Um Bonde Chamado Desejo” e “Todo Anjo é Terrível”, peças críticas de

ordem social e, através das quais ganhou o Prêmio “Saci” de melhor cenógrafo, oferecido pelo jornal O Estado de São Paulo.

Nos anos 70 criou cenários para grandes shows musicais exibidos em São Paulo como “Pássaro da Manhã” (1977) e “Rosa dos ventos” (1971) com Maria Bethânia; “Doces Bárbaros” (1976) com Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil e Maria Bethânia; cenário, figurino e direção de arte do show de Gal Costa “Com a boca no mundo” (1977).

Durante o período ativo de sua profissão, fez seminários palestras e conferências em diversas instituições e universidades como: FAAP, Teatro épico, Grêmio da Faculdade de Arquitetura Mackenzie e Teatro da Universidade de São Paulo.

Em sua ampla carreira, Império conquistou 25 premiações, sendo dez vezes de “*Melhor Cenógrafo*”, onde entre elas recebeu uma homenagem póstuma, sete vezes como “*Melhor Figurinista*”, três vezes ganhou o Premio “*Saci*”, duas vezes o “*Molieire*” e a V, VII e VIII Bienal; também foi premiado pelo grêmio da Escola Politécnica – USP, ganhou medalha de ouro do prêmio Martins Penna e dedicatória na revista acrópole nas áreas de arquitetura, artes plásticas, cenografia e figurinos para teatro no ano de 1965.

Flávio Império era um homem livre, um artista livre, um criador, como deve ser, como manda o figurino. BENEDITTI (1997) apud CAMPOS (2004, pág.454)

### **Flávio Império e o ensino de arquitetura**

No grupo Arquitetura Nova, Flávio Império, Rodrigo Lefrève e Sérgio Ferro além de fazerem projetos arquitetônicos juntos, discutiam sobre os caminhos de ensino que deveriam seguir, pois os três, achavam indispensável um profissional atuar em diversas áreas ao mesmo tempo.

O modo como Flávio lecionava estava diretamente ligado à sua formação como arquiteto e ao seu método de criação de cenários, tornando o ato de ministrar aulas um complemento de sua rotina. Sempre antenado com a política e cultura, seja ela nacional ou internacional, buscava pontos em comum com a sua personalidade para aumentar seus conhecimentos, já que sempre estava aberto à novas ideias.

Sua vida profissional acadêmica iniciou na FAU-USP onde tiveram duas fases bem distintas. A primeira que vai de 1962 até 1968, quando era professor assistente de Renina Katz, e a segunda fase de 1968 até sua saída da instituição, em 1976, é marcada pela



valorização do trabalho em grupo, exercícios de experimentação com relaxamento, e de “exploração da sensorização”, que passou a caracterizar suas aulas a partir de 1970.

Império fazia com que os seus alunos expressassem a realidade vivida no Brasil através de expressões corporais, pois, para ele era necessário o conhecimento do próprio corpo para o entendimento humanitário. Com as novas descobertas no campo da comunicação as propostas de ensino foram se modificando.

Os exercícios de sensorização e as músicas de fundo que ele utilizava em suas aulas, eram para distrair e tirar as tensões vividas pelos alunos através do regime militar, libertar o lado criativo na hora de desenhar e favorecer uma relação de professor e aluno melhor. Através desse relaxamento, Flávio conseguia extrair de cada aluno sua essência através da sensibilidade. Se o aluno não atingisse o objetivo, ele levava-o a pensar mais sobre o assunto e a tentar enxergar de outra forma, libertando outros sentidos. A intenção era tirar o pensamento fechado, fazendo o máximo para abrir novas fronteiras. Para que cada aluno descobrisse sua identidade projetual, fazia-se com que ele tentasse sozinho, errasse, novamente tentasse pensando de outra maneira e, experimentando novas formas. Essa visão era defendida por Flávio e alguns de seus colegas. Ele fazia questão de interpretar cada segmento com cada aluno, para que o mesmo enxergasse o potencial do seu trabalho e o que realmente significava. No programa de disciplina AUP – 307 – “Exercício de Linguagem Visual” da FAU-USP, 1973 ele dizia que desejava “estimular a imaginação do aluno, fora das fronteiras convencionais.” GORNI (2004, pág.90)

Império não era apenas um professor que levava conhecimentos, ele levava a motivação para os alunos sem impor o seu modo de contemplar a arquitetura. Após cada exercício ele fazia uma análise profunda, seu diferencial ante outros professores que utilizavam métodos parecidos. Muitos alunos achavam que não sabiam desenhar, por isso em algumas aulas ele apagava as luzes e pedia para os alunos desenharem no escuro, e ao acender as luzes viam o que tinham expressado, dando assim a liberdade para desenvolver o que vinha do seu interior.

Priorizava algumas atividades em grupo, uma delas era o desenho coletivo. Em um quadro negro ele pedia para que alguém começasse um desenho e cada aluno ia desenhando, criando um enorme desenho, com a personalidade de cada aluno. Suas aulas eram adaptadas a cada exercício proposto, pois ele avaliava o que cada aluno fazia para poder programar a próxima atividade de acordo com o que a turma necessitava.

Na primeira fase da sua vida acadêmica ele tinha o pensamento de libertar os sentimentos e a criação de cada pessoa, em um segundo momento o que importava era a descoberta do corpo, pois para ele “o arquiteto ajuda o homem a existir” GORNI (2004, pág.96), e, é quem deve saber como abrigar o homem. Ele acreditava que o arquiteto precisa dominar a ergonomia para projetar os espaços.

Com esse pensamento, Império apresenta plano de ensinos bastante eficazes para as disciplinas que ministrou nos cursos de arquitetura e urbanismo da FAU-USP, FAAP e Belas Artes, bem como na EAD e Escola Superior de Formação de Professores.

Em 1977 por causa do excesso da burocratização, Flávio parou de ministrar aulas na FAU-USP e resolveu viajar pelo Brasil. Voltou para São Paulo em 1981 e nesse mesmo ano começou a trabalhar no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, onde permaneceu até 1985, quando faleceu.

Na dissertação de Gorni podemos observar que ex-alunos e colegas de Flávio chegaram à conclusão que, através de seus métodos eles passaram a ver as artes e o mundo de uma forma diferente. Esse trabalho diferenciado consistia em um exercício de sensorialização e não apenas a prática profissional, levando para si conhecimentos para toda a vida.

Seu método de aula, influenciou e ganhou reconhecimento de muitos professores da Belas Artes, como o professor Marcos Lopes, que foi aluno de Flávio em todo o período que estudou na Belas Artes. Atualmente, na posição de professor de Desenho e Expressão, sua aula é completamente influenciada pelo aprendizado, pois também é sensorial, com uso de músicas e atividades de liberação. Marcos relata ainda que as características defendidas por Flávio eram “*liberdade de criação*” e “*desenho expandido*”, por influência de um anarquismo, que era embasado em uma liberdade total, porém com responsabilidade. Conversando com outro professor da disciplina, de Projeto de Arquitetura e Urbanismo, Jackson Dualibi, que foi aluno de Flávio, relata que sua aula era uma “bagunça”, ele deixava os alunos a vontade, mas para finalizar fazia, uma análise conseguindo prender a atenção dos alunos. Para Jackson era uma análise difícil de ser feita, pois não sabia o que esperar da expressão artística de cada aluno e Flávio em pouco tempo conectava todas as ideias e transmitia retorno com aquilo que estava subentendido, ele fazia isso com muita facilidade. Em sua disciplina, o professor Jackson Dualibi avalia os projetos de cada aluno, com sua equipe, e ao final da aula faz o chamado “mesão”, onde une todos os projetos e discutem os pontos positivos e

negativos, fazendo uma análise como Império, sobre o resultado atingido pelos alunos através do exercício proposto.

### **Grupo Nova Arquitetura e a arquitetura modernista**

Flávio Império Ingressou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo no ano de 1956 e no Curso de Desenho da Escola de Artesanato do Museu de Arte Moderna de São Paulo onde permaneceu até 1958 tornando-se um arquiteto-cenógrafo.

Para o arquiteto-cenógrafo o espaço teatral parece tão perecível frente aos “monumentos arquitetônicos” que não parecem jamais que o arquiteto trata a cenografia com o entusiasmo do jogo e da poesia, que é o oposto da concreção da matéria transformada em objeto utilitário. (GORNÍ, 2004, pág.53)

Estagiou para Joaquim Guedes em 1959 com quem participou como colaborador no projeto da Igreja da Vila Madalena, localizada na Rua Girassol, que recebeu o Prêmio Governador do Estado de São Paulo em 1961. Neste mesmo ano concluiu a graduação na FAU-USP e representou a mesma no Concurso Internacional (VI Bienal de Artes Plásticas de São Paulo) com o projeto de Centro Educacional feito em equipe com Júlio Barone, Rodrigo Brotero Lefrève, Sergio P. de Souza Lima, Sergio Ferro Pereira, Geraldo Gomes Serra e Wanda Wittaker de Souza e Silva.

Foi durante a sua graduação que Flávio conheceu Sérgio Ferro e Rodrigo Lefrève, quando formaram juntos, o Grupo Arquitetura Nova. O grupo, além de possuir características próprias em seus trabalhos, utilizaram elementos marcantes valorizados e defendidos por Vila Nova Artigas durante o período da Escola Paulista, os quais enfatizavam a técnica construtiva com a valorização da estrutura e concreto armado aparente, além da preocupação com a função social do arquiteto tão salientado por Artigas.

O grupo fazia uma avaliação crítica da arquitetura brasileira e reflexões da época no qual viviam: a ditadura militar. Os projetos elaborados pelos três eram na sua maioria residências, geralmente de classe média, e em grande parte projetados para os amigos e familiares que davam oportunidade à essas novas propostas de moradia. Eram projetos de habitações econômicas e mão de obra simples. Sempre havia influência dos três, criando um estilo de arquitetura único.

Utilizavam-se de uma “poética da economia”: aumentava-se o acesso à arquitetura através de uma experiência construtiva relativamente singela, no qual levava uma concepção inovadora às moradias, com a utilização de materiais simples e econômicos que ficavam aparentes e principalmente a utilização de abóbodas – elemento marcante da Arquitetura Nova -, como função estrutural, espacial e econômica. A abóboda proporcionava já que o uma grande diversificação na iluminação e ventilação. Por conta da sua altura, o espaço era aproveitado para abrigar banheiros e mezaninos, possibilitando a integração dos espaços através de uma caixilharia diferenciada que era “construída” na própria edificação, no canteiro de obras. O grupo era a favor do trabalho manual e, esse tipo de construção visava a ampliação do acesso à arquitetura com uma redução do custo da obra, já que estas abóbodas podiam ser “colocadas” apenas por uma pessoa. Para Flávio sempre era possível fazer “mais e melhor” com pouco e, na visão dos três, não havia a possibilidade de separar o arquiteto do cenógrafo, pois um complementava o outro.

Muitas casas eram colocadas em terrenos pequenos fazendo com que os arquitetos buscassem habilidades para implantá-las em pouco espaço, algumas até com uma única abóboda. Os terrenos com maior profundidade no lote possuíam diversas abóbodas formando uma única cobertura.

Para os ambientes internos, Flavio Império, Rodrigo Lefrève e Sérgio Ferro criaram novas concepções para a época; a troca de paredes por divisórias com painéis pivotantes e a falta de corredores foram as principais mudanças. A intenção era criar um espaço de circulação e convívio mais amplo, já que partiam do princípio que a família tinha uma importância fundamental na formação do indivíduo.

A primeira casa a utilizar esse método de abóbodas foi à casa de Simão Fausto em Ubatuba, projetada por Flávio Império em 1961, na qual incorporou aspectos cenográficos e foi o único projeto que ele executou sozinho. O objetivo da residência é ser funcional e aconchegante. Com um sistema estrutural muito simples, foram colocadas modulações a cada três metros subdividindo internamente a casa a partir das oito abóbodas de tijolo que são usadas como cobertura. Por conta das curvaturas, foi possível adquirir um sistema de ventilação muito adequado, já que existe muita umidade no clima litorâneo. Flávio utilizou três cores primárias de forma equilibrada e delicada para fazer um jogo entre os ambientes. O amarelo foi usado nas portas e janelas, o vermelho no piso com cimento queimado e o azul na parte inferior das abóbodas.

“As partes internas e externas se comunicam e se interpenetram fluentemente graças às portas-balção da sala e das amplas janelas pivotantes horizontais que rasgam toda a parede do corredor principal da casa, o qual esta todo voltado para o jardim.” GORNI (2004, pág.64)

O grande diferencial desta casa é a presença de Império desde a implantação no terreno até os detalhes de mobiliário. Ele acompanhou a obra de perto, participando da escolha de todos os materiais, das luminárias presentes no corredor que se estendem por toda a casa junto a fachada e também fez os desenhos dos bancos de tijolos e cimento ao longo deste corredor. Projetou os sofás da sala e das banquetas que encontram-se na cozinha, cujo assento é curvo em ripas de madeira. Alguns materiais dão a aparência de bruto, porém todos os espaços da casa foram pensados e bem resolvidos.

Até o ano de 2003, os donos mantinham as configurações de acordo com o projeto inicial, faziam de tudo para que não houvessem alterações projetuais durante a reforma ou recuperação, pois consideravam de grande importância sua expressão arquitetônica.

Flávio tinha uma característica muito particular de projetar, concebia e desenhava cada ideia com o pedreiro. Usava sua experiência teatral para a criação de novos recursos como, por exemplo, a construção de caixas na alvenaria que formava no interior da casa a “reentrância” de um criado mudo.

Em uma carta sobre a proposta de reforma do sítio da família, disse que se não fosse para ter a cara dele, não pudesse fazer com as próprias mãos e nem deixar sua marca, ele não executaria o projeto.

Em 1967 Flávio projetou a residência de Ernest Hamburger, seu cunhado, que continha todos os aspectos e ideias propostas pelo grupo Arquitetura Nova. O espaço interno da residência era fluido, tendo somente as áreas molhadas com fechamento em alvenaria e um mezanino para abrigar os filhos do casal. Sobre esse projeto Sérgio Ferro disse: “Flávio concentrou nesse projeto tudo o que queríamos de arquitetura, era tido como o projeto perfeito”. FERRO (1997) apud GORNI (2004, pág.60)

A casa de Juarez Brandão Lopes localizada no Butanã foi a última casa projetada por Flávio Império e Rodrigo Lefrève, em 1968. As ideias do projeto foram de Império, Lefrève começou a participar na execução da obra, porém, os dois se desentenderam e Rodrigo prosseguiu sozinho.

“A residência possui dois pisos e é a única casa do grupo composta por duas abóbodas conjugadas e disposta transversalmente em relação ao terreno, sendo que o vão da

abóboda abre-se para o recuo lateral do lote.” GORNI (2004, pág.76). Todas as instalações eram aparentes, como por exemplo, o tubo de queda que passava no meio da sala por conta de um pequeno desvio do sanitário do piso inferior.

A sala continha o pé direito duplo. Segundo o dono, o espaço integra os ambientes e era considerado um verdadeiro teatro. O mezanino era uma espécie de púlpito, onde todos da casa o notavam. Assim como na casa de Simão Fausto existia uma grande interligação entre os cômodos, que criava espaços de convivência, apenas as áreas molhadas eram fechadas em alvenaria e no resto eram utilizados painéis pivotantes, essa interligação dos cômodos era para ressaltar união dos moradores e as cores primárias novamente estavam presentes.

O sistema utilizado para a implantação das abóbodas era de lajes pré-moldadas apoiadas em armações curvas de madeira que serviam de molde para a concretagem. O efeito causado era de suspensão já que as duas abóbodas implantadas ficavam no sentido transversal, proporcionando maior possibilidade de iluminação e ventilação. Essa residência marca o fim das experimentações em arquitetura feitas pelo grupo.

Em 1969, com o regime da ditadura mais árduo, houve a bifurcação do grupo. Rodrigo e Sérgio foram presos por um ano e Flávio neste período, raramente dedicou seu trabalho arquitetura, concentrando-se na cenografia.

## **Considerações Finais**

A importância de Império para a cenografia é evidente, tanto que foi a área de maior reconhecimento e também a que mais lhe interessava, porque oferecia uma liberdade de expressão e contato direto com o público que lhe atraía muito. A partir disto, aplicou seus conhecimentos no seu modo ensinar e na arquitetura.

Sua forma diferenciada de lecionar foi inspiração para demais arquitetos. Ele utilizava meios para que os alunos tentassem abrir suas mentes e libertassem sentido ainda não conhecido por eles, porque acreditava ser de suma importância o conhecimento e percepções corporais para efetiva eficiência num projeto de arquitetura.

Para criação de uma arquitetura inovadora, foram essenciais as novas técnicas utilizadas por Flávio, como a introdução do uso de abóbodas, projetos econômicos voltados a todas as classes, o aproveitamento de espaços para o convívio familiar, sua permanência na

obra durante a criação e execução, implantando características particulares e pensamentos arquitetônicos adquiridos na cenografia.

Após a sua morte, sua irmã Amélia juntamente com amigos e ex-professores, fundaram a Sociedade Cultural Flávio Império e impulsionaram diversas exposições sobre o seu trabalho, sendo uma referência até os dias de hoje.

### **Referências Bibliográficas**

ARANTES, Pedro Fiori. Livro **Arquitetura Nova Sérgio Ferro, Flávio Império, Rodrigo Lefreve, de Artigas aos Mutirões**. São Paulo, 2002.

KORRY, Ana Paula. Livro **Grupo Nova Arquitetura Flávio Império, Rodrigo Lefreve, Sergio Ferro**. São Paulo, FAPESP, 2003.

KATZ, Renina, HAMBURGER, Amélia. Livro **Flávio Império**. São Paulo, 1999.

KATZ, Renina, HAMBURGER, Amélia. Catálogo **Flávio Império em cena**. São Paulo, SESC POMPEIA, 1997.

KATZ, Renina, HAMBURGER, Amélia. Catálogo **Flávio Império em cena (o guia)**. São Paulo, 1999.

ROCHA, Angela Maria. Artigo **No horizonte do possível**. São Paulo, 2006.

GORNI, Marcelina. Artigo **Flávio Império: Arquiteto e Professor**. São Carlos, 2004.

CAMPOS, Gisela Belluzzo de. Artigo **Flávio Império: cenógrafo, arquiteto e artista**. São Paulo, 2010.

ECKER, Elisabeth Cristina do Amaral. Dissertação de mestrado. **O Edifício Teatral Paulistano**. FAU - USP, 2004.

## Anexo A – FOTOS DOS PROJETOS E CRIAÇÕES CENOGRÁFICAS

### Casa Simon Fausto, Ubatuba ,1961 – Flávio Império



Vista da casa

Fonte: Vitruvius



Fachada

Fonte: GORNI (2004, pág.63)



Planta da Casa de Simon Fausto



Elevação



Corte

Fonte: GORNI (2004, pág.65)



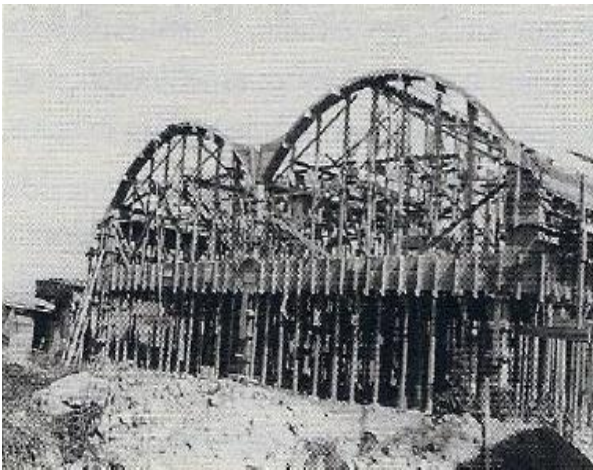
## Casa Juarez Brandão Lopes -1968 Rodrigo Lefèvre e Flávio Império



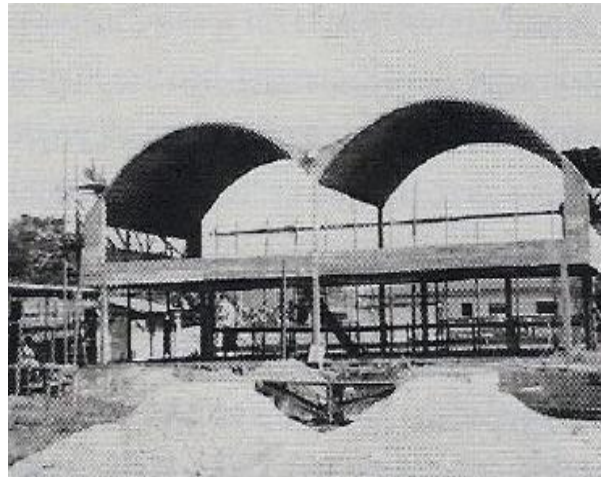
Vista  
Fonte : Vitruvius



Interior da residencia

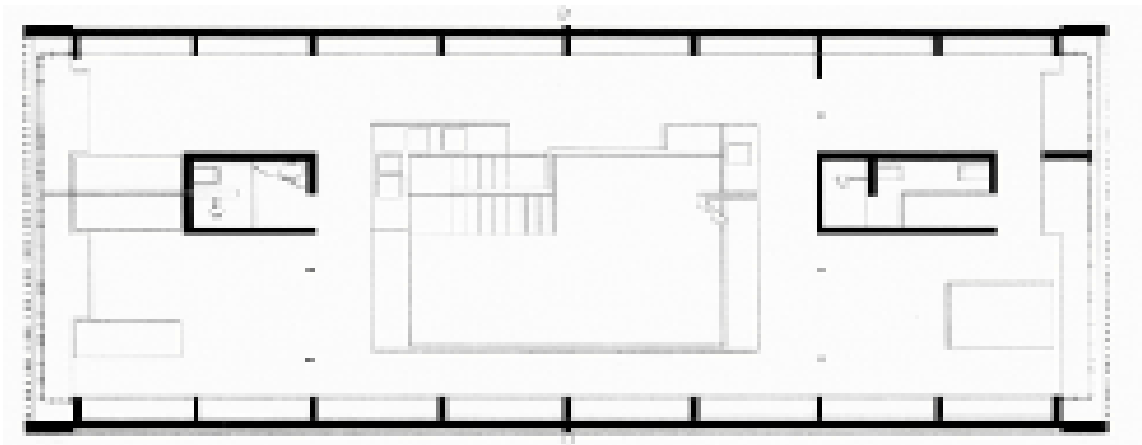


Execução da obra

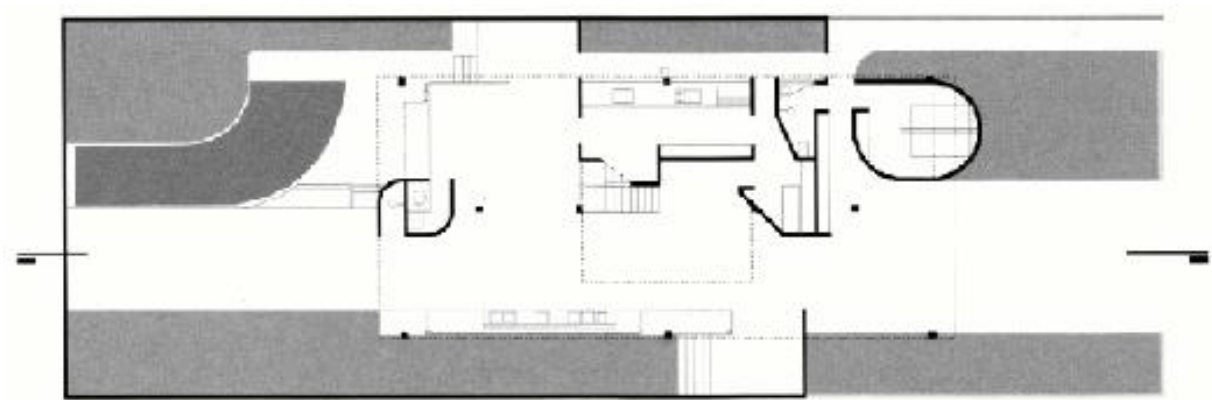


Tubo de queda na lateral esquerda

Fonte: GORNI ( 2004, pag.85)



Planta do Mezanino



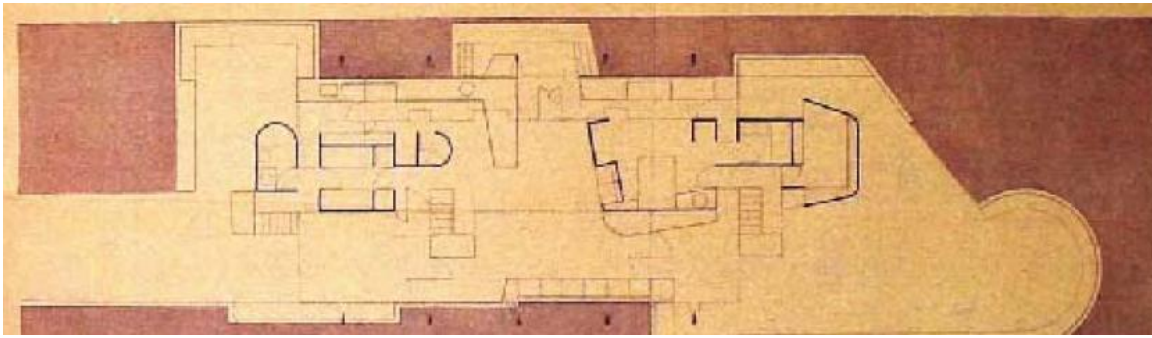
Planta do Pavimento Térreo



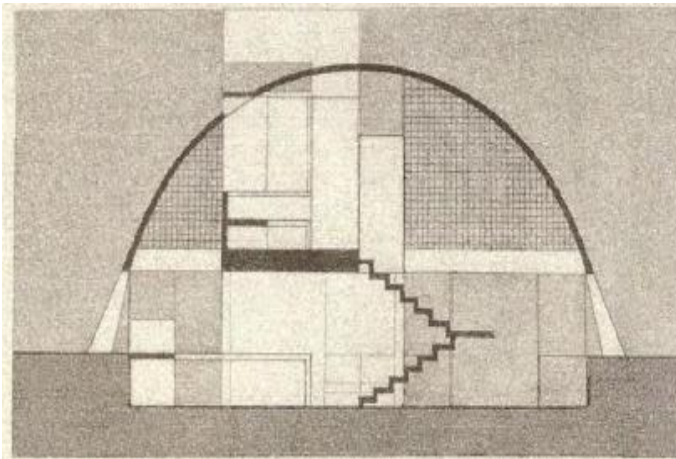
Corte transversal

Fonte: GORNI ( 2004, pag. 78)

## Casa de Ernest Império Hamburger ,1965



Planta



Corte



Maquete do projeto que nunca foi executado

*Fonte: GORNI (2004, pág 58 e 59)*



## Cenas de aulas



Práticas de Relaxamento aplicadas na FAU USP



Flávio Império Ministrando aulas no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

*Fonte:* Sociedade Cultural Flávio Império apud GORNI (2004, pág 94 e 100 )

## Cenografias



Espetáculo Morte e Vida Severina, 1960

*Fonte:* GORNI (2004, pág.14)



Flávio Império

*Fonte:* <http://cenarioartistico.blogspot.com.br/2012/01/ao-mestre-com-carinho-flavio-imperio.html>

## **Anexo B – PREMIAÇÕES**

1963 - Premio “ Governador do estado ” ( melhor cenógrafo ), Premiação na VII Bienal de Artes Plásticas do Teatro

1964 - Premio “Melhor Cenógrafo da Associação Paulista de Críticas Teatrais ”, “ Melhor Figurinista ”, “ Melhor Cenógrafo ”, Premio “Saci”

1965 – Premio “ Melhor Cenógrafo ” ( “ Governador do Estado ”), V Bienal de Artes Plásticas do Teatro, VIII Bienal de São Paulo,medalha de ouro de Martins Penna recebeu também dedicatória da revista acrópole nas áreas de arquitetura, artes plásticas , cenografia e figurinos para teatro.

1966 - “ Século xx; Civilização da Imagem ” ( Grêmio da Escola Politécnica – USP )

1967 – Premio “ Moliere” ( Air France ), “ Melhor Cenógrafo e figurinista”

1975 – Premio “ Melhor Cenógrafo ” da Associação Paulista de Críticos de Arte

1977- Premio “ Melhor Figurinista ” da Associação Paulista de Críticos de Arte e “Melhor Cenógrafo” ( Premio Governador de São Paulo)

1978- “ Melhor figurinista ” ( Premio Governador de São Paulo, pelo espetáculo Um ponto de Luz ) e premio “ Moliere”

1980 - Premio “Melhor Cenógrafo” ( Troféu Mabembe, MEC/ Serviço Nacional de Teatro

1982 - Premio “ Melhor Figurinista ” ( setor de dança, Associação Paulista de Críticos de Arte )

1983 - Premio “Melhor Cenógrafo” ( Troféu Mabembe, MEC/ Serviço Nacional de Teatro , “Melhor Cenógrafo” e “ Melhor figurinista ” ( Apetesp de Teatro )

1984 - “Melhor Cenógrafo” e “ Melhor figurinista ” ( Premio Governador do Estado)

1985 - “Melhor Cenógrafo” e “ Melhor figurinista ” ( Apetesp de Teatro ) ; “Melhor Cenógrafo” ( homenagem póstuma, Premio Governador do Estado)